



## **Reforma Editorial do Jornal Folha de S. Paulo: Uma Análise a partir do Conceito de Civic Journalism<sup>1</sup>**

Monizy Amorim R. BRAZ<sup>2</sup>

Maurício CALEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

O objetivo do presente artigo é analisar a reforma editorial do jornal *Folha de São Paulo* sob a óptica do *Civic Journalism*. Apesar de parecer pretensioso mas veremos ao longo deste artigo, através da análise do Caderno “Poder” que a reforma da *Folha* e o *Civic Journalism* podem ter mais coisas em comum do que se pode imaginar. A começar pela semelhança existente entre o período em que houve a proposta de se fazer um novo tipo de jornalismo e o contexto em que ocorreu a reforma editorial do jornal Folha de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria do Espelho; Civic Journalism; Reforma gráfico-editorial *Folha de São Paulo*; Crítica de Mídia.

### **INTRODUÇÃO**

O “jornal tem a credibilidade que se tem toda boa testemunha. É essa boa testemunha que faz a história”, a afirmação feita por Muniz Sodré em referência as mudanças ocorridas nos jornais *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Estado de São Paulo*, em matéria exibida no *Observatório de Imprensa na TV* do dia 25 de maio deste ano, elucida a importância dada ao jornal impresso durante muito tempo. Porém o que se tem visto nos últimos anos é a perda de credibilidade deste meio de comunicação. Como forma de resgatar os leitores perdidos e manter o que ainda estão, os jornais buscam inovar a cada dia seja através de reformas gráficas, seja de reformas editoriais ou de ambas, isso sempre alegando serem essas mudanças uma forma de levar até o leitor uma maior qualidade na informação e praticidade de leitura. A realidade é que “os jornais alegam que estão atendendo a demanda da população, mas não sabem exatamente qual

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 1 - Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do 6º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV, e-mail: [monizy.amorim@gmail.com](mailto:monizy.amorim@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV, e-mail: [mauricio.caleiro@ufv.br](mailto:mauricio.caleiro@ufv.br)



é”. Essa afirmação da autora Sylvia Moretzsohn em mesma matéria exibida no *Observatório de Imprensa na TV* sintetiza de modo satisfatório a situação desta mídia e não só dela, mas do jornalismo de um modo geral.

Pensando em atendimento de uma demanda da população, pode-se dizer que no início do século XX demandava-se as informações sem nenhuma opinião ou algo parecido, sendo o jornalismo o responsável em cumprir o papel de espelho da realidade. Papel esse que pode ser compreendido melhor a partir da explicação sobre a Teoria do Espelho abordada pelo pesquisador português Nelson Traquina e citada por FERNANDES (2008). Segundo esta teoria, as notícias, base do trabalho jornalístico, funcionariam como um espelho da realidade e aos jornalistas caberiam apenas mostrar esta realidade a população através da utilização de técnicas específicas que transmitissem a informação de forma neutra e sem alteração. Sendo por isso a imparcialidade tão valorizada no jornalismo. Durante muito tempo essa posição imparcial da mídia foi valorizada e era o que “fidelizava” um leitor, ouvinte ou telespectador.

Devido aos grandes avanços tecnológicos, a internet principalmente, as pessoas passaram a ter acesso a um grande número de informações ao mesmo tempo e com muita facilidade. Com isso, elas passaram a querer um algo mais, que muitos meios de comunicação ainda não entenderam qual seja, como afirmou MORETZSOHN. O público já sabe o modo como o fato aconteceu agora ele quer saber quais as conseqüências daquele fato na vida dele, quer ver nos jornais notícias relacionadas ao seu cotidiano, principalmente se falamos aqui do jornal impresso, que já chega à mão do leitor velho. O público deste meio de comunicação quer algo totalmente diferente do que ele pode ter acesso seja na TV ou na internet.

A crise do jornalismo e dos jornais está ligada em parte à falsa defesa de imparcialidade que ainda hoje existe. Ainda se busca convencer o público de que o foco dado à determinada matéria nada teve de parcial. Há um desejo que ele acredite que não teve nenhuma subjetividade na escrita do texto. E não digo que seja de propósito, mas é porque é algo natural do ser humano, é involuntário.

Se hoje muitos meios de comunicação ainda insistem em continuar com o jornalismo tradicional, aquele que preza pela imparcialidade e pela informação neutra, já no final da década de 80 nos Estados Unidos, o editor do pequeno diário *The Wichita Eagle*, do Estado do Kansas, Davis Marritt percebeu que a imprensa americana passava por um momento de perda de credibilidade e que os cidadãos almejavam notícias mais



aprofundadas, principalmente, as ligadas à política, uma vez que o ano era o de 1990 e o Estado do Kansas viveria o período de eleições para governador (FERNANDES, 2008). A partir desta percepção Merritt lançou um novo termo, o *Civic Journalism*, e uma nova forma de se fazer jornalismo.

Se por um lado o jornalismo tradicional, baseado na Teoria do Espelho, busca “simplesmente” mostrar o fato como ele acontece e nada mais, o *Civic Journalism* busca “difundir experiências e interpretações, de tal modo que seja possível a um grupo social compreender determinadas situações, em favor de si mesmo.” (FERNANDES, 2008, p. 05).

Esse novo modo de fazer jornalismo por se aproximar mais do público teve uma boa aceitação nos Estados Unidos e em outros países da América Latina. Porém no Brasil, poucas mídias se dizem fazedoras de um *Civic Journalism*, pois exigiria uma maior inovação no modo de se trabalhar a informação, mesmo sendo ela do dia-a-dia da população. Alguns se propõem a fazer um jornalismo mais analítico e crítico com o objetivo de gerar um amplo espaço de discussões que permita que ao leitor a prática da cidadania após debates que estejam ligados a sua realidade, mas em momento algum citam o *Civic Journalism*. Esse é o caso do jornal *Folha de São Paulo* a partir de sua reforma gráfico-editorial que ocorreu em 2010.

## **1. REFORMA GRÁFICO-EDITORIAL DA FOLHA DE SÃO PAULO EM 2010 E O CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO CONCEITO DE CIVIC JOURNALISM**

É interessante começar falando que o objetivo deste artigo é fazer uma comparação da reforma gráfica e principalmente, editorial do jornal *Folha de São Paulo* sob a óptica do *Civic Journalism*. Pode parecer pretensioso tal comparação, até porque o jornal não se intitula como tal, mas veremos ao longo deste artigo que a reforma da *Folha* e o *Civic Journalism* podem ter mais coisas em comum do que se pode imaginar. E, além disso, veremos que a afirmação, que também serve de questionamento, feita por Sylvia Moretzsohn no início deste artigo pode ser esclarecido para as empresas de comunicação que não entendem qual a demanda da população.

Como já dito anteriormente, o *Civic Journalism* surge em um contexto em que a credibilidade da imprensa norte-americana estava abalada e que se vivia um período de campanha para governador do Estado Kansas. É necessário ressaltar que não só esse



contexto foi importante para a criação desse novo tipo de jornalismo, pois o motivo que levou Merritt a fazer um jornalismo diferente foi o seu desencanto com a cobertura da imprensa norte-americana na campanha presidencial de 1988. A partir daí o editor do diário *The Wichita Eagle* percebeu que “as coberturas políticas necessitavam proporcionar uma discussão mais séria sobre temas envolvendo a coletividade” (FERNANDES, 2008, p. 02).

Em um contexto parecido a *Folha de São Paulo* apresentou a sociedade no dia 23 de maio sua mudança gráfico-editorial. A semelhança está no fato de o jornalismo brasileiro como um todo viver hoje uma crise de credibilidade e também a própria *Folha*, pois o público já não acredita mais na imparcialidade, no pluralismo e principalmente no apartidarismo do jornal. Outra semelhança está no contexto político em que o país se encontra, pois se vive num período de eleições presidenciais.

A comparação entre o *Civic Journalism* e a reforma da *Folha* também deve ser feita no âmbito do conteúdo, pois o primeiro,

Busca ir além da cobertura de um evento, uma reunião ou uma controvérsia. Ele tenta conduzir o conhecimento, e não apenas o envolvimento das notícias. Ele trata da cobertura do consenso e do conflito, reportagem sobre sucessos e fracassos, reportagens que possam auxiliar outras comunidades a lidarem com questões difíceis. (CASTILHO, 1997 *apud* FERNANDES, 2008, p. 09)

A segunda se propõe a “esclarecer o leitor sobre a importância, o contexto, a origem, as implicações e o feixe de interesses em torno de informações relevantes publicadas no jornal” (Caderno *NOVÍSSIMA*, 2010, p. 11).

Diante do que foi exposto acima surge um questionamento, estaria a *Folha de São Paulo*, de algum modo, se propondo a prática do *Civic Journalism*? Para responder a tal pergunta é preciso analisar para ver se na prática a proposta deste jornal está realmente sendo alcançada. Antes, porém, é interessante e necessário que se saiba um pouco mais quais foram as reformas propostas pela *Folha*.

## 2. A PROPOSTA

Para o objetivo do presente artigo é suficiente que sejam apresentadas apenas as reformas editoriais, mais especificamente a proposta de mudança no modo como o conteúdo vai ser oferecido ao leitor e a mudança no nome do Caderno que antes se chamava *Brasil* e que após a reforma se tornou *Poder*.



Na edição do dia 23 de maio a *Folha* dedicou um Caderno especial o *Novíssima* para explicar quais eram as propostas daquele que se intitula como o “jornal do futuro”. As reformas gráficas, em linhas gerais, ficaram no aumento do corpo da letra dos textos, padronização das cores dos Cadernos e mudanças nos layouts de algumas páginas. Já a reforma editorial pode ser vista como um pouco mais ousada, pois o jornal se propõe a ser um “espelho do mundo”, este é o título do editorial do dia que fazia referências as transformações. Além disso, propunha ainda ser analítico de modo a “garantir maior espaço de debate público e estimular cidadania” (*FOLHA DE SÃO PAULO*, 2010, p. A2). Para garantir este espaço de discussões o jornal criou vinhetas com nomes como “E eu com isso?”, “Análise” e deu maior visibilidade a outras que já existiam como a vinheta “Outro Lado”. Objetivo disso, segundo a *Folha*, é indicar ao leitor o tipo de texto que ele está lendo. A vinheta de “Análise” seria usada sempre que um assunto fosse importante e merecesse a análise de um dos 128 analistas responsáveis por “ampliar a compreensão da notícia em seus diversos aspectos.”

Durante esta dita reforma editorial, o “jornal do futuro” mudou o nome de alguns Cadernos, outros foram criados e outros também deixaram de existir, como é o caso do Caderno *Mais!*. O que merece destaque e que vai receber nossa análise é a mudança ocorrida no antigo Caderno *Brasil* que se tornou *Poder*. A explicação para isso é que este Caderno sempre tratou de temas do Legislativo, Executivo e Judiciário, relacionados com religião, movimentos sociais e outros. Assuntos estes que, segundo o jornal, sempre envolvem relação de poder, sendo por isso mudado o nome da editoria. Este Caderno receberá nossa análise, pois como já foi dito no tópico anterior analisamos as reformas da *Folha* a partir do *Civic Journalim*, que como vimos surge a partir de um período semelhante a este, em que o contexto político foi muito importante para a mudança no modo de se fazer jornalismo.

O próprio jornal sabe que a mudança a que se propõe vem em um momento importante para o país. “A mudança de nome acontece em momento propício, a seis meses do mais relevante embate da política nacional, as eleições presidenciais.” (*NOVÍSSIMA*, 2010, p. 3). E não é só o nome do Caderno que foi alterado, assim como todo o jornal, este propõe um enfoque mais analítico, voltado, segundo a *Folha*, “à análise dos discursos dos candidatos, antecipando estratégias, esmiuçando propostas e verificando sua viabilidade” (MAGALHÃES, 2010, p. 3)

### 3. A ANÁLISE DAS ANÁLISES



Sempre tendo o *Civic Journalism* como base, nossa análise da reforma editorial do jornal *Folha de São Paulo*, se restringirá a analisar o Caderno *Poder* do dia 23 de maio, dia em que o “jornal do futuro” apresentou ao Brasil suas mudanças. A escolha deste Caderno se justifica por este tratar de um assunto que no passado foi o responsável por incentivar Davis Marritt a propor uma nova forma de se fazer jornalismo e também por ser um tema de grande relevância para a sociedade, pois envolve possibilidade do cidadão comum praticar a cidadania.

O objetivo deste tópico é analisar todas as matérias contidas no Caderno de *Poder* que envolvam as eleições brasileiras em 2010 ou assuntos ligados a elas. Já se sabe que apenas uma matéria presente no Caderno não trabalha a questão das eleições. Queremos analisar a análise feita pelo jornal na cobertura política para ver se na prática existe um diferencial no modo como o assunto é abordado no diário.

A primeira matéria do Caderno *Poder* afirma que o presidente Luis Inácio Lula da Silva almeja assumir um cargo na ONU ou no Banco Mundial. A notícia busca implicitamente, inferir que este seria o motivo pelo qual o presidente viaja tanto. São utilizadas fotos que fora do contexto em que foram tiradas confirmariam o “desejo” de Lula em se candidatar a algum cargo em alguma dessas instituições. Em momento algum a matéria usa falas do próprio presidente que confirmariam tal afirmação feita pelo jornal, mas para compensar são utilizadas frases soltas de líderes estrangeiros que “confirmariam” o “desejo” de Lula.

Sobre este mesmo assunto o jornal apresentou ao leitor uma análise sobre quais seriam as reais chances de tal fato acontecer. A análise da página A9 parece tentar fazer com que o leitor possa inferir a impossibilidade da ocupação de algum cargo seja na ONU ou no Banco Mundial por Lula, como o próprio título sugere “*Pretensão de Lula na ONU é pouco realista*”. Uma real análise e uma profunda discussão sobre por quais motivos tal desejo não podia ser almejado pelo presidente não foram claramente apresentados.

A partir da página A10 as eleições, principalmente, a presidencial ocupa quase 90% do Caderno *Poder*. A primeira matéria envolvendo o assunto apresenta o resultado da pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha, que num primeiro momento parece apenas apresentar os resultados da pesquisa de intenção de voto feita pelo instituto. Até ser feito um breve comentário relacionando os eleitores que pretendiam votar na candidata Dilma Rousseff e grau de escolaridade e informação destes. Leia no fragmento abaixo:



No universo dos leitores mais pobres, com renda familiar mensal de até dois salários mínimos (R\$ 1.020), Dilma teve uma alta de sete pontos percentuais, saindo de 29% em abril para os 37%.

.No mesmo período, Serra desceu de 42% para 37%.

Esse grupo de eleitores de renda mais baixa representa 51% do universo total dos que votam no país. *É também onde estão os de mais baixa escolaridade e com menos informação - inclusive sobre o processo eleitoral. [grifo meu]* (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/05/2010, A10.)

Ainda ligada a pesquisa do DataFolha, a *Folha de São Paulo* traz uma matéria interessante e diferente sobre o modo como é feita a pesquisa realizada pelo instituto, passo a passo. Isso sem ser cansativo. A angulação diferenciada dada a essa matéria vai ao encontro do que é proposto pelo *Civic Journalism*, mesmo sendo tendenciosa, ao permitir que o público compreenda o modo como teoricamente a pesquisa é feita.

As duas matérias citadas anteriormente foram analisadas pelo Diretor Geral do DataFolha e pelo Diretor de Pesquisa do instituto. Ao que parece, o objetivo da matéria era explicar as razões pela quais a pré-candidata Dilma Rousseff teria subido nas pesquisas. Apesar de serem fontes que, neste caso, têm propriedade para falarem sobre o assunto, eles só confirmam o motivo apontado por muitas pessoas, a associação da imagem da ex-ministra da Casa Civil ao presidente Lula. Porém tais informações iam o encontro das acusações feitas pelo presidente nacional do PSDB, Sérgio Guerra, que na página A10 aponta a campanha petista como ilegal, justamente por esta associação da imagem de Dilma a Lula. Os diretores do DataFolha nada trazem de diferencial no momento das análises, pois pelo cargo que ocupam e pelo acesso que têm aos dados da pesquisa poderiam ter se aprofundado mais e também trazido um diferencial para as críticas.

Em seguida vem uma matéria falando sobre como os candidatos estão se comportando na corrida presidencial. Segundo a reportagem, eles estão contratando empresas especializadas em monitoramento de informação com o objetivo de acompanhar 24 horas por dia o adversário. O tucano José Serra gastaria até R\$ 60 mil por mês durante sua pré-campanha para contratar o serviço destas empresas. Já Dilma, gastaria R\$ 180 para a compra avulsa de 3 reportagens em um bloco de 30 segundos de TV. É engraçado, para não dizer espantoso, como atitudes como essas são vistas com naturalidade, independente de qual seja o candidato, que ao invés de pesquisar a proposta do outro ou mesmo buscar melhorar as suas para não serem encontradas falhas



que podem ser usadas contra ele ou para questioná-lo. De certo modo, pesquisar sobre o outro também é uma forma de se proteger, mas sejamos realistas, gastar até R\$ 60 mil por mês com isso é no mínimo preocupante, pois se numa pré-campanha já se gasta um valor como esse, imagina quando começarem de fato as campanhas eleitorais?! Questiono de onde vai sair todo esse dinheiro. Outro ponto a ser questionado é se a *Folha* daria a informação deste mesmo modo se os R\$ 60 mil fossem gastos na pré-candidatura de Dilma Rousseff. O gasto excessivo durante as pré-campanhas é um assunto que realmente deveria ser analisado, porém a *Folha* não fez. A partir daqui já fica claro que o jornal não segue um critério para analisar as matérias. Comprovaremos isso mais para frente quando assuntos que deveriam ser abordados e amplamente discutidos, muitas vezes se resumem a infográficos.

A página A14 do dia 23 de maio, não fala diretamente das eleições presidenciais, mas sobre pré-candidatos, de cidades do interior, que já começaram, de certo modo, a fazerem campanhas eleitorais através de outdoors, faixas parabenizando mães e etc. Ainda nesta matéria um juiz declara que os baixos valores das multas seriam as principais causas destes acontecimentos. É também nesta página que é apresentada a vinheta “Outro Lado”, que segundo o jornal permite que o leitor saiba o que está lendo, neste caso, a resposta dos deputados as acusações de campanhas antecipadas.

Num primeiro momento essa matéria não pediria grandes considerações, porém dois pontos precisam ser discutidos e analisados. Um deles é o fato do jornal não ter citado ou acusado a pré-candidata Dilma Rousseff de também estar fazendo uma campanha antes do período permitido, dia 5 de julho. Mas caso o leitor do jornal tenha lido as páginas na ordem, com certeza, ao ler esta matéria ele também vai “sentir falta” de uma acusação a Dilma e também já terá tirado suas próprias conclusões, após a leitura das matérias anteriores que inferem que a ex-ministra da Casa Civil também já está fazendo campanha antes do tempo permitido e, que a declaração do juiz de que isso acontece devido aos “baixos” valores das multas, também se aplica à petista, ainda mais sendo ela apoiada pelo presidente da República. Outro lado que também merece análise tanto na matéria quanto na reforma editorial da *Folha de São Paulo* é uma maior visibilidade para a vinheta intitulada pelo diário de “Outro Lado”. Mostrar várias versões do fato é o mínimo que se espera de um jornal que se diz pluralista. Dar direito de resposta ao lado acusado é e sempre foi a base para qualquer jornal, seja ele do



passado, presente ou do futuro, este último como a *Folha* se intitula. Aqueles que acompanharam esta “reforma editorial” e que agora lêem este artigo talvez argumentem, assim como o jornal no Caderno Especial “Novíssima”, já citada anteriormente, que a vinheta tem o objetivo de permitir que o leitor saiba que aquela é a outra versão dos fatos e não, que somente agora o periódico esteja ouvindo todos os lados da história. Pelo grau de escolaridade que sabemos que os leitores da *Folha de São Paulo* têm sinceramente não vejo necessidade de separar um espaço para mostrar o outro lado, até porque isso pode ser feito ao longo do texto corrido, sem que seja preciso uma vinheta para identificar. Além disso, a existência desta vinheta pode fazer com que o leitor ao não vê-la na matéria acredite que apenas um lado foi ouvido na construção das notícias, o que pode colocar em xeque a qualidade do jornalismo deste “jornal do futuro”. E ainda poderia ser questionado o que é e o que será levado em consideração para ouvir o outro lado da história sempre que se vai apurar e publicar uma matéria.

Se em grande parte das matérias envolvendo as eleições presidenciais a atenção se volta para Dilma e Serra, a reportagem da página *A16* podemos dizer que é quase toda para a também candidata a presidência da República Marina Silva. O objetivo é falar sobre o apoio em 2010 dado por artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Bethânia, que nas eleições de 2006 apoiaram Lula, a pré-candidata Marina. O foco é a candidatura da senadora, mas a todo o momento busca, através da fala dos entrevistados, por sinal, muito respeitados no país, criticar o presidente ou sua candidata. Um ponto que é importante ser comentado é o grifo na cor azul dado a palavras no título e subtítulo na matéria.

**Título:** “verdes **bárbaros**”

**Subtítulo:** “Desiludidos com o **PT**, Caetano, Gil e Bethânia aderem a Marina: senadora vira **xodó dos artistas**”

É importante ressaltar que a *Folha* faz um trocadilho no título da matéria com o nome do grupo *Doces Bárbaros*, formado por Gilberto Gil, Gal Costa, Maria Bethânia e Caetano na década de 70. Questiono o porquê de estas palavras estarem negritadas, ainda mais sendo elas, “bárbaros”, “PT” e “xodó dos artistas”. Estaria a *Folha* querendo fazer uma relação entre estas palavras e implicitamente inferir, por acaso, que estes artistas sempre apóiam aqueles que em algum momento no cenário político são vistos



como bárbaros? Pois se pararmos um pouco para pensar, lembraremos que Lula já foi visto como um “revolucionário” político, assim como Marina Silva, que há pouco tempo se tornou um pouco menos radical do que agora, mas ainda sim é vista como radical por alguns setores da sociedade.

A página A18 do dia 23 de maio é a que mostra mais claramente que a proposta de tornar o jornal *Folha de São Paulo* “uma alavanca para o exercício da cidadania política e econômica. Um local de debate das soluções para os problemas coletivos”, como se propões neste trecho do editorial e também no Caderno *Novíssima* é deixado de lado, pois o tema abordado na matéria desta página é muito importante para ser trabalhado em grande parte somente com infográfico. A proposta seria começar a apresentar a partir daquela data algumas propostas dos candidatos e especialistas iriam analisar quais as reais possibilidades de se cumprirem as promessas. O que seria um excelente espaço para se discutir as ideias e permitir que o eleitor/leitor avaliasse a promessa de cada um, principalmente após a opinião de um especialista sobre a possibilidade ou não de cumprimento das promessas. Porém, a página que tinha tudo para ser a mais importante de todo o jornal se resumiu a uma superficial apresentação das propostas de Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva em simples infográficos que mostravam o grau de dificuldade das promessas, e vez ou outra vinha com um breve comentário que não permite ao leitor saber se foi feita por um especialista ou não. Somente no pequeno texto que a matéria tem que é apresentada uma proposta de cada candidato é que tem a análise de um especialista, que mesmo assim não é igual para todos os candidatos. O tucano tem sua promessa de criação do Ministério de Segurança Pública mais aprofundada e analisada no jornal pela socióloga Jaqueline Muniz. Já a petista tem sua proposta exposta numa quantidade de linhas inferior a dada a Serra e a viabilidade da erradicação da pobreza até 2014, principal promessa da candidata, é colocada na classificação “difícil de cumprir” tendo como base um estudo feito pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Até ai nenhum problema num primeiro momento, porém a promessa não deveria ter sido analisada somente com base no estudo. Seria interessante que um dos pesquisadores que foi responsável pela análise dos resultados falasse o porquê não era possível o cumprimento da promessa de Dilma, o que seria preciso acontecer para erradicar a pobreza do país até 2014. Para as promessas da candidata do PV também não foi “cedido” um significativo espaço para



analisar a viabilidade de se criar um sistema único de educação, seguindo o modelo do SUS (Sistema Único de Saúde).

Criação do Ministério do Empreendedorismo, priorização para a construção de creches, criação do Ministério Extraordinário das Pessoas com Deficiência, Força Nacional sempre mobilizada e aplicação de critérios ambientais em toda a gestão federal, Todas essas são promessas de governo dos candidatos, as duas primeiras de Dilma Rousseff, as duas seguintes de José Serra e a última de Marina Silva, e foram simplesmente reduzidas, como já dito anteriormente, a infográficos que classificavam as promessas em “possível, há limitações, difícil de cumprir e impossível”.

Sinceramente é bem complicado compreender como um jornal que se propõe a ser mais analítico e também a funcionar como espaço onde a discussão de ideias permita ao leitor uma prática da cidadania, pode tratar um assunto tão importante como esse de modo tão superficial.

A discordância entre o que a *Folha de São Paulo* se propõe e o que realmente faz fica evidente na página seguinte em que é utilizada uma página inteira para tratar de um assunto menos importante envolvendo as eleições presidenciais. A matéria da página A19 fala sobre para quais regiões do país os candidatos foram em busca de um melhor “índice de preferência do eleitorado”. Para uma informação como esta foi destinada uma página de número ímpar no jornal, que sabemos que é de grande importância, para a apresentação de fatos desinteressantes, se formos comparar com o da página anterior sobre as promessas dos candidatos. Se este, que se diz o “jornal do futuro” realmente pretende ser mais analítico precisa reaprender a classificar quais matérias merecem está em uma página ímpar e ser mais discutida e aprofundada e qual pode trazer simplesmente a informação e disputar espaço com a publicidade. Um jornal do futuro que pretende ser um espaço que incentive o leitor a prática da cidadania, com certeza priorizaria por uma verdadeira análise das promessas dos candidatos cedendo quase 90% de uma página ímpar para tal objetivo.

A última página do Caderno não será discutida, pois se trata de uma matéria sobre a relação de brasileiros com a Al Qaeda e o tráfico de drogas, que não é o que o presente artigo busca analisar.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Ainda em referência a matéria exibida no *Observatório da Imprensa na TV* no dia 25 de maio, uma afirmação feita pela autora Sylvia Moretzsohn é confirmada após a análise do Caderno “Poder” do dia 23 de maio. A reforma da *Folha* é mais marketeira do que uma real mudança na maneira de produzir notícias como seria a finalidade da reforma editorial.

A proposta de um texto mais analítico e interpretativo no jornal não se torna uma realidade. A criação de um espaço, a partir das mudanças editoriais, que permitisse o debate de assuntos que realmente são de interesse público e que assim propiciariam a prática da cidadania não acontece efetivamente. Questões polêmicas relacionadas às eleições presidenciais que deveriam ser analisadas se resumiram, muitas vezes, a um pequeno texto e grandes infográficos, que nada acrescentavam na compreensão e interpretação dos fatos. Todo mistério em torno, principalmente, da reforma editorial do jornal *Folha de São Paulo* foi transformado em decepção por aqueles que aguardavam ansiosamente a apresentação daquele que se intitula o jornal do futuro.

MORETZSOHN afirmou que os jornais querem atender a uma demanda da população, mas não sabem qual. Demanda-se um *Civic Journalism* como o proposto por Davis Marritt há quase duas décadas. Um jornalismo que se aproxime da realidade do seu leitor, que mostre a ele a importância daquele fato em sua vida e como aquilo pode modificar seu dia-a-dia. Não um jornalismo que se mostre simplesmente como um espelho do mundo, até porque hoje as demandas da população são outras. O público deseja ver, ler e ouvir debates que o permitam ter uma opinião formada sobre determinada situação. Ele não quer um jornal que se diga imparcial ou objetivo, ele quer um jornalismo subjetivo que aponte problemas, mas que também aponte possibilidade de solução. Deseja-se um jornalismo mais prático e menos teórico.

Após a análise do “jornal do futuro” já é possível responder a pergunta feita no início do artigo: estaria a *Folha de São Paulo*, de algum modo, se propondo a prática do *Civic Journalism*? Na teoria sim, mas na prática não. Não é possível perceber quais são os critérios utilizados pelo jornal para escolher quais matérias merecem ou não serem analisadas. Foi possível perceber através das análises feitas, que assuntos que eram de extrema importância e que mereciam ser analisados foram somente noticiados, enquanto outros, menos relevantes, foram analisados exaustivamente.

O “jornal do futuro” descobriu qual é a demanda da população, porém deixou a desejar no real cumprimento do que foi proposto. Um espaço que permitiria ao leitor o



conhecimento de fatos que propiciariam a ele a prática da cidadania foi substituído por um espaço de debates vazios que nada acrescentam a vida do leitor.

O *Civic Journalism* e a reforma editorial da *Folha de São Paulo* só se assemelham no contexto histórico e nada mais. O primeiro usou do período em que se vivia para mudar o modo de se fazer o jornalismo, já o segundo apenas fez uma pequena plástica em seu modo de fazer jornalismo, permanecendo a essência sempre a mesma, tendenciosa e partidária.

## REFERÊNCIAS

CALEIRO, Maurício. Revisionismo histórico e violação da ética jornalística: a nova *Folha de São Paulo*. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Universidade de São Paulo, novembro, 2009.

DINIZ, Lilia. Os jornalões se renovam. **Observatório da Imprensa na TV**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=591IMQ012>. Acessado em: 15 de junho de 2010.

FERNANDES, Márcio. **Civic Journalism: há um modelo brasileiro?** Guarapuava: Unicentro, 2008.

FERNANDES, Márcio Ronaldo Santos. Civic Journalism no Brasil: a construção de um plano de referência para um Jornalismo Público. **Anais do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, maio 2008.

FILHO, Paulo Celestino da Costa. Jornalismo Público: por uma nova relação com os públicos. **Organicom - Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. Ano 3, n. 4, p.126-141, 1º semestre, 2006.

GARCIA, Maria Tereza. Violência e medo, elementos extintos no *newsmaking* do jornalismo público? **Cronos**, Natal-RN, v.7, n.2, p. 383-397, jul./dez. 2006.

PAULO, Folha de São. Ano 90, 23 de maio de 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. “Feito para você”: o discurso da interatividade em reformas gráfico-editoriais de jornais impressos. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Universidade de São Paulo, novembro, 2009.

SILVA, Luiz Martins da. Jornalismo público: o social como valor-notícia. Encaminhado: GT DE ESTUDOS DE JORNALISMO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE



PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO-COMPÓS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.